

Não é fácil julgar os crimes de uma ditadura. Em França, depois da ocupação em 1945, os *collabos* que tinham denunciado, ou mesmo torturado, os resistentes foram julgados por juízes que tinham prestado juramento de fidelidade ao Marechal Pétain como condição para manter o seu cargo.

Os assassinos do Gen. Humberto Delgado foram julgados por um tribunal militar (como se sabe a justiça militar está para a justiça, como a música militar está para a música) cujo acórdão nos fez acreditar até hoje que o general tinha sido morto a tiro, limitando a responsabilidade dos assassinos como uma versão judicial que ia contra os dados contidos na autópsia.

A primeira biografia séria de Humberto Delgado, feita por um seu descendente sem formação académica como historiador mas com todas as qualidades para o ser, tem esta grande revelação. O resto, mais coisa menos coisa, já sabíamos. O seu passado de ultra (Da Pulhice do Homo Sapiens) do regime, a sua lenta passagem para a esfera aliada, a sua transformação num oficial NATO que vai criando a pouco e pouco uma relação especial com o regime (depois da guerra Salazar precisava a todo o custo de um oficial com credenciais pré-aliadas) e depois o “obviamente demito-o”.

No entanto, esta biografia de Delgado é uma obra notável: a chegada apoteótica de Humberto Delgado ao Porto depois de uma viagem de comboio marcada pela incerteza com aplausos e apupos é do melhor que já foi escrito sobre a resistência ao salazarismo. Os factos conhecem-se: Delgado chega ao Porto e depara com uma recepção apoteótica – temos as fotografias – que nada fazia prever. De repente, o regime treme. Há uma espécie de milagre nesta recepção porque não havia anda nem organização, nem propaganda. Meia dúzia de apoiantes e mais nada. A estrutura clandestina que tradicionalmente animava a oposição – o PCP – estava ainda contra e procurava lançar Arlindo Vicente. Delgado chega, o Porto vem para a rua (quem foi que passou palavra?) e tudo muda.

¹ Recensão a FREDERICO DELGADO ROSA, *Humberto Delgado. Biografia do General Sem Medo*, A Esfera dos Livros, Abril 2008, 1328 pgs. Publicado em <http://caminhosdamemoria.wordpress.com>.

² www.saldanhasanches.pt.

O modo como foi recebido, os testemunhos que foram reunidos de cidadãos anónimos que na véspera mal pensavam (ou não pensavam mesmo) na política e que de repente se vêem a afrontar a polícia - ou o episódio de polícias ainda mal enquadrados que vão na onda e aplaudem Delgado - são o sinal de que tudo irá mudar. O regime nunca mais seria o mesmo.

Na sua biografia de Álvaro Cunhal, Pacheco Pereira descreve-nos uma conferência de imprensa da oposição onde o representante do Governo Civil e candidato a deputado pelo regime (Soares da Fonseca) discutia com o representante de oposição (Lima Alves) se as listas de assinaturas onde se apoiava a oposição eram ou não autênticas. As ameaças policiais pairavam no ar; e a reconstituição destes episódios mostra-nos o que eram as eleições de Salazar.

Com Delgado já nada foi assim: o profundo, irracional, ilimitado ódio de Salazar (e a PIDE) a Delgado vinha desse medo que percorreu as fileiras da situação quando todos os diques se quebram e as eleições já não são, como costumavam ser, a ilustração da força e da prepotência do regime.

Contudo, se o General sem medo tem na sua biografia o retrato que merece (o Autor escreve bem e faz-nos percorrer todas aquelas páginas quase sem se conseguir parar) isso não impede que mostre, por vezes, algumas ingenuidades. Por exemplo, quando acentua as preocupações de Delgado com a justiça social como se isso o colocasse na esquerda do regime: o justicialismo anti-capitalista era uma componente essencial do discurso fascista. Até Salazar, sempre tão cuidadoso as palavras, falava dos plutocratas, como flores do mal do capitalismo.

Delgado pertencia à ala republicana do regime (A Pulhice tem no seu frontispício uma citação de Marat...) e foi sempre um daqueles apoiantes ligeiramente incómodos no meio da imensa hipocrisia do regime. Mas começou como um homem da Direita mais radical e mais violenta.

A sua biografia também não explica por que motivo um homem que não receava a prisão nem a tortura cometeu o suicídio político de se refugiar na Embaixada do Brasil e se condenar àquilo que era, para ele, à morte lenta do exílio.

Delgado reflecte muito bem a dificuldade dos militares que rompiam com o regime a sustentar a luta prolongada que o

derrubamento do regime exigia. Veja-se o fim trágico do Cap. Almeida Santos que acaba por ser morto pelos seus companheiros de fuga, desesperados com o seu comportamento errático. E dá-nos uma imagem muito ligeira do manicómio de Argel onde anti-fascistas acolhidos por um regime policial adoptavam práticas fascistas.

Estamos no entanto perante uma obra rara: um estudo da nossa história contemporânea que constitui (juntamente com a biografia de Cunhal por Pacheco Pereira) uma obra à altura da época que retratam, com os seus actos heróicos e as suas pequenas misérias.

Frederico Delgado Rosa, Humberto Delgado. Biografia do General Sem Medo, A Esfera dos Livros, Abril 2008, 1328 pgs.